

## 09. História, Região e Fronteiras

### **Fronteiras étnicas indígenas: etnicidade através da cultura material**

Penha, Murilo; Soares, André Luis Ramos (orientador)

murilopenha96@gmail.com; alrsoaressan@gmail.com

Centro de Ciências Sociais e Humanas

Universidade Federal de Santa Maria

---

### **Resumen**

Essa comunicação faz parte do projeto “Cultura Material e Sociedades Históricas e Pré-Históricas da Bacia Platina: pesquisa e socialização do conhecimento”. Dentro da linha de pesquisa História, Regiões e Fronteiras. As sociedades no passado são marcadas por territórios e fronteiras, tanto atualmente como no passado. A proposta deste trabalho é apresentar o estudo de fronteiras étnicas no período pré-colonial, a partir de remanescentes materiais, no caso em estudo a cerâmica arqueológica. O objetivo deste trabalho é discutir a possibilidade de definição das fronteiras étnicas pré-cabralianas através do cruzamento de dados históricos e de estudos de atributos presentes na cerâmica. Serão realizadas revisões na bibliografia histórica e arqueológica que trata dos grupos étnicos e suas fronteiras, como proposto por Fredrik Barth (1998), a fim de observar nos documentos dos primeiros contatos a existência e delimitação de fronteiras entre os grupos indígenas. Também será analisada a cultura material de dois sítios arqueológicos – no caso o sítio RS-TQ-141, localizado na bacia do rio Taquari, e o sítio RS-JC-157, localizado na bacia do rio Jacuí. Os estudos até agora realizados aponta para um grupo étnico específico, denominado Tradição Arqueológica Guarani, no entanto, as diferenças entre as pinturas e outros atributos cerâmicos não permite afirmar que se trata da mesma etnia, entre tantas as parcialidades existentes.

**Palabras clave:** Fronteiras, Etnicidade, Arqueologia, Cerâmica, Guaranis

### **Introdução**

O grande grupo étnico caracterizado pela tradição arqueológica guarani é por muitas vezes considerado homogêneo, ignorando que existem

divisões internas que fracionam este povo em subgrupos. Os documentos históricos dos séculos XVI a XVIII escritos por padres, militares, viajantes, comissões de demarcação, entre outras fontes, apontam

a existência de diversos grupos denominados “parcialidades” dentro dos grupos filiados ao tronco linguístico Tupi-Guarani e falantes da língua guarani (Soares e Garlet, 1998). As parcialidades são atualmente os Mbyá, Kaiová e Ñandeva ou Apapokuva, que são parcialidades existentes nos dias atuais, mas que provavelmente eram muito mais no passado. A proposta deste trabalho é discutir as possibilidades de inferência das fronteiras ou divisões territoriais, pelo cruzamento das fontes históricas, antropológicas e etno-históricas, tendo como base a cultura material para suas delimitações.

Os mais de 2000 sítios arqueológicos Guarani reconhecidos, prospectados ou escavados, não possibilitam formulações de hipóteses consistentes frente a escassez de informações. Desta forma, buscamos reunir outros dados para formulação de hipóteses que possam ser comprovadas através das futuras escavações. Os sítios arqueológicos com cerâmica Guarani se apresentam distribuídos numa área de mais de 600.000 quilômetros quadrados. As manifestações cerâmicas foram artificialmente distribuídas conforme as proporções relativas dos fragmentos que apresentam diferentes tratamentos de superfície em mais de 70 fases diferentes (Brochado, 1984: 401). Esta amplitude

geográfica aliada às deficiências da seriação arqueológica proposta pelo Pronapa, impediu qualquer associação entre as fases arqueológicas e as parcialidades conhecidas, pelo menos em seu primeiro momento.

### Objetivos

Pretende-se nesse trabalho fazer uma retomada bibliográfica no que se trata das delimitações de fronteiras entre os grupos guaranis, e aferir se a pintura cerâmica pode contribuir para essa delimitação. Em sua dissertação de mestrado, SOARES afirma que “Tratar da organização social e do cacicado somente através das fontes arqueológicas é tarefa impossível, senão desnecessária.” (SOARES, 1996, p.149), remetendo a necessidade de usar diversas fontes para a reconstituição do passado. Sendo assim, é necessária a utilização de fontes etnohistóricas, antropológicas, históricas e materiais para o entendimento da organização social desses grupos para então tentar inferir suas demarcações internas.

Por meio dessas fontes, Soares expõe a delimitação destes territórios, utilizando-se de cartas, relatos de viagens e cartografia, como podemos ver a seguir:

Devem-se confrontar as três informações expostas acima para tentar elucidar o

possível limite de um cacicado. As informações da carta ânua, quase um século após a viagem de Cabeza de Vaca, referem-se ao mesmo trecho, o território próximo ao rio Tibagi. Pela cartografia, associadas as informações históricas, tratava-se das “Terras de Taioba” entre os rios Paraná e o Tibagi, e o território do **tuvichá** Tibagi, ao longo do rio homônimo, e, pelo trajeto de Cabeza de Vaca, tendo seu limite ao sul no Iguaçu.

(SOARES, 1996, p.151)

A importância destes estudos de fronteiras do passado não somente trata de discutir os diversos grupos humanos do passado, mas também discutir de que forma a arqueologia e os estudos de cultura material podem ajudar neste processo. Neste sentido, os objetivos deste trabalho são vários:

- buscar na cultura material elementos que auxiliem a delimitação de fronteiras étnicas entre grupos aparentados cultural e linguisticamente;
- evidenciar os avanços nos estudos sobre cerâmica na delimitação de cacicados, fronteiras, além dos aspectos artísticos e culturais;
- cruzar fontes históricas, etnohistóricas, antropológicas e arqueológicas para a delimitação de fronteiras no passado pré-histórico.

## **Materiales y Métodos**

A metodologia de análise partiu do cruzamento de diversas fontes para a busca das fronteiras no passado. O cruzamento de diversas fontes permite se não a reconstrução dos limites físicos destes espaços, pelo menos repensar o que pode ser considerado a fronteira, como um limite físico (um rio, um vale, montanhas) ou uma área ou região de fronteira, com espaços limítrofes disputados e alargados conforme situações de disputa, guerra, entre outras.

Um exemplo disso pode ser visto no mapa etnográfico de Carlos Teschauer de 1918, no qual, através de fontes históricas, o jesuíta coloca algumas etnias Guaranis em seus territórios, como os Guaraní, Tape (que significa “caminho” em língua Guaraní), Caaguas (um termo certamente pejorativo, pois *Caá* significa mato ou floresta, ou seja, ‘aqueles do mato’), Carijós (Guaranis do litoral) e Arachanes (grupo extinto, talvez aparentados de grupos nômades como os Charruas e Minuanos). Além disso, podemos ver outros grupos, como os Guanánás (também chamados Coroados, Botocudos e aparentados dos Kaingang), os próprios Minuanos e Guenoas. Neste mapa, embora não se perceba os limites de cada grupo, podemos apontar os diferentes grupos Guaranis e seus possíveis territórios.



aparentados.

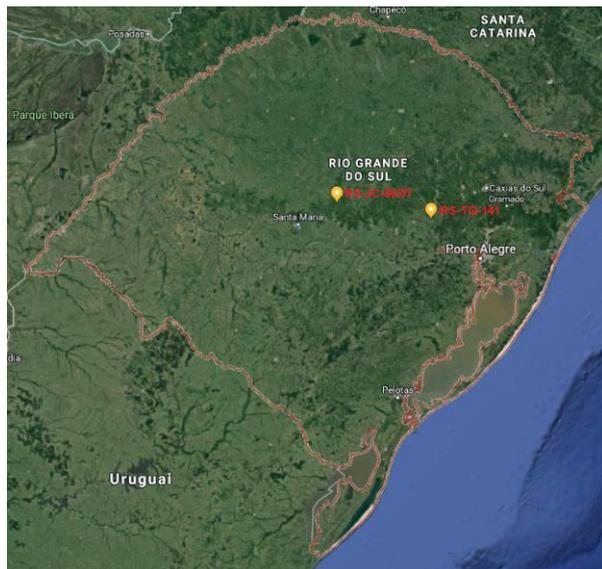


Figura 2 - Localização sítios RS-JC-56/57 e RS-TQ-141

Com base na cultura material desses sítios, a metodologia foi a comparação entre os componentes da cerâmica (forma, função, pintura, motivos, decoração) e buscar semelhanças e diferenças que apontem para novas abordagens, haja visto que se considera a cultura material deste grupo como algo extremamente homogêneo em todo seu território de expansão.

### Resultados y Discusión

Foram analisadas as cerâmicas pintadas dos sítios RS-JC-56/57 e o RS-TQ-141 onde por meio do método de comparação se constatou a semelhança na produção e elementos componentes da cerâmica (processo de confecção, que é o roletado, e as cores utilizadas).

Na comparação dos elementos da cerâmica, sejam as formas (tigelas de beber – *cambuchî caguabâ*, talhas – *Cambuchî*, pratos – *ñæetã*) e as pinturas (vermelho e preto sobre branco), observou-se uma continuidade seja nas formas como nos motivos pintados. Isso pode remeter a uma representação não regional, mas cultural, ou ainda padrões de desenhos, no caso geométricos, que ainda merecem análise nos significados dos mesmos.



Figura 3 Comparação entre pintura dos sítios RS-JC-56/57 (a esquerda) e RS-TQ-141 (a direita)



Figura 4. Comparação entre pintura dos sítios RS-JC-56/57 (a esquerda) e RS-TQ-141 (a direita)



Figura 5. Comparación entre pintura dos sítios RS-JC-56/57 (a esquerda) e RS-TQ-141 (a direita)

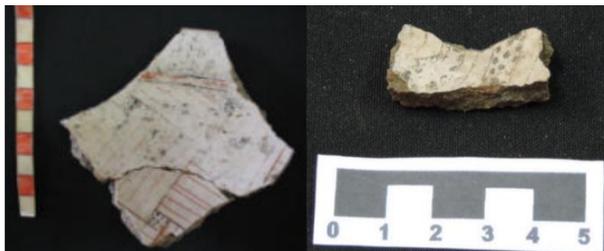


Figura 6. Comparación entre pintura dos sítios RS-JC-56/57 (a esquerda) e RS-TQ-141 (a direita)

Por outro lado, a existencia de elementos combinados de pintura, levam ao questionamento de por quê alguns motivos são representados em um sítio arqueológico e não em outro. Na figura 07 encontra-se um tipo de pintura, combinação de outros dois elementos, que não se encontram no sítio do vale do Rio Taquari.

Se cruzarmos este dado com o fato de que o sentido da migração pré-histórica dos índios Guaranis tem datas mais recuadas no vale do rio Jacuí (perto do ano Zero da Era Cristã) enquanto que os sítios

do vale do Rio Taquari têm datações do século XIV da nossa era, então podemos pensar em distintas hipóteses para a manutenção ou perda de elementos de pintura que estão presentes nos sítios mais antigos e não aparecem em sítios mais recentes. Em que medida a deriva cultural e a criação de novos grupos distintos do grupo original acontece, é uma das questões para as próximas investigações.



Figura 7. Estilo de pintura presente apenas no sítio RS-JC-56/57

Foram analisadas as cerâmicas pintadas dos sítios RS-JC-56/57, sítio Wilmoth Röpke, localizado no curso médio do rio Jacuí, no município de Agudo, e o RS-TQ-141, localizado na bacia do rio Taquari, no município de Cruzeiro do Sul. Estes dois sítios arqueológicos, através do método de comparação da cultura material, revelaram diversas semelhanças e algumas disparidades entre a cerâmica.

Embora a bibliografía arqueológica aponte para uma uniformidade da cultura material Guarani, é justamente nas diferenças que podemos buscar elementos diagnósticos para a interpretação de processos culturais, sócias, religiosos, e quiçá, de distintas parcialidades entre grupos que compartilham aspectos como língua, corpus mitológico, cultura, entre outros. Mas é justamente nos detalhes que talvez residam os elementos que possam ajudar a construir hipóteses sobre o universo pouco sensível que são as parcialidades, os cacicados, as diferenças étnicas entre grupos aparentados. Este trabalho caminha na direção de perceber que, no caso da arqueologia e da cultura material, pequenos elementos como a pintura cerâmica podem servir de indicativo de processos de migração, distinção, formação de novos grupos e comunidades.

### **Conclusiones**

Embora o trabalho ainda não esteja concluído, diversas questões são apontadas a partir do cruzamento entre as fontes escritas e materiais. O aprofundamento da investigação poderá apontar em que medida as informações históricas são corretas a respeito de distintos grupos Guaranis ocupando o atual território do estado do Rio Grande do Sul, como os Mbyá-Guaraní e Ñandeva o fazem atualmente, e em que medida os estudos

de cultura material poderão auxiliar na compreensão das fronteiras no passado.

### **Financiamiento**

Este trabalho tem o financiamento do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) concedido pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ). Também tem financiamento de Bolsas de Iniciação Científica da Fundação de Amparo a Pesquisa do estado do Rio Grande do Sul – FAPERGS, através de bolsa PROBIC.

### **Bibliografía**

BARTH, F. Grupos Etnicos e suas Fronteiras. In: POUTIGNAT, P. Teorias da Etnicidade Seguindo de Grupos étnicos e suas fronteiras. Fredrik Barth, Philippe Poutignat, Jocelyne Streiff-Fenard. São Paulo, Unesp, 1998.

Brochado, José Proenza. (1984). An Ecological Model of the Spread of Pottery and Agriculture into Eastern South

Soares, A. L. R. (1996). Organização sócio-política guarani. Aportes para a investigação arqueológica (dissertação de mestrado). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil.

Soares, A. L. R.; GARLET, I. Parcialidades Guarani: Em busca de uma visão diacrônica. *Histórica*, Revista da

Associação dos Pós -Graduandos em  
História da PUCRS, Porto Alegre, n. 03, p.  
53-58, 1998.